

A ARTE DA BELLEZA

ARTIGO PARA SÓMENTE SER LIDO POR SENHORAS



costume dizer mal das mulheres dadas ás lettras, e fazer-lhes, por essa razão, as mais malignas insinuações a respeito das virtudes que mais se prezão no nosso sexo. Debalde se faz vêr a esses maldizentes que a mulher que nutre o seu espirito com pasto mais substancial do que as conversas sòbre a vida alheia, menos facilmente occupará a imaginação com essas frioleiras e leviandades que tão uteis parecem ao principio, e tão tristes consequencias acarretão a final muitas vezes. Elles não se deixão convencer e vêm logo com os exemplos das mais celebres litteratas das quaes a fama não corre boa.

A estes exemplos podia contestar-se com outros, mas é que me não lembrão n'este momento, primeiro porque se não trata d'isso agora, e depois porque o meu forte não é a historia. Entretanto, cumpre confessar que havendo assumptos em que ninguem tão cabalmente se pôde entender como as mulheres, devem ser tambem estas que melhor podem escrever sòbre elles. Creio, pois, que mesmo os que se escandalizão vendo uma auctora publicar um tratado sòbre astronomia ou um compendio de chimica, não levarão a mal que qualquer d'ellas faça uso do juizo que Deus lhe deu, e da experiencia que possa ter adquirido para escrever, mais ou menos orthographicamente, sòbre alguma das poucas materias da sua competencia.

Se entre estas se não deve contar a belleza, e sôbre tudo a belleza artificial com a sua theoria exposta em regras e preceitos, então, confesso francamente que não conheço outra, que por melhor jus seja feminina. Muitos homens fazem estudo especial do modo de aperfeiçoar a sua pessoa, dedicando por habito horas e horas á tão importante cuidado, mas, por fim de contas, nem mesmo essas excepções, pois hão de conceder-me que de excepções não pasão, chegarão jámais a ter metade do geito nem do tacto fino que por instincto possui a mais desastrada d'entre nós, uma vez que haja recebido educação adequada.

É, porém, mister confessar que mesmo onde todas são fortes algumas ha que podem ser mestras das outras. Perante o genio, essa flamma sagrada soprada pelo Creador, curvemo-nos submissas. No círculo privilegiado e estreito d'essas sacerdotizas professas da Deusa do bello creio que nenhuma deixará de arredar-se e contrahir-se para dar lugar honroso a minha tia e madrinha Lola Montez, nobre condessa de Landsfeldt. O mesmo editor da sua nova obra, de que me proponho expender aqui o melhor succo, se a escolha é possivel onde tudo é excellente, lhe prestou no prefacio a devida homenagem aconselhando ás leitoras: *Expertæ credite Lolæ*, o que, se o meu medico, que sabe latim, me não enganou, quer dizer, pouco mais ou menos — que Lola era esperta.

Arte da Belleza se chama essa obra digna de ser ensinada nas escolas primarias do sexo feminino a par da Cartilha do Padre Ignacio, e que eu bem quizera que só de mulheres fôsse lida, para que os nossos segredos se não divulgassem entre os que não devem aproveitá-los, mas já que é isso impossivel, não quero que por causa dos leitores fiquem as amaveis leitoras do *Jornal das Familias* privadas das uteis lições que para ellas extrahio do livro de minha tia. O mais que posso é pedir aos discretos que, se quizerem usar de cortezia, passem adiante estas paginas que lhes não são destinadas.

Arredados assim os importunos, que nenhum quererá passar por descortez, podemos fallar como em familia.

Minhas meninas! Difficil cousa é dizer no que consiste a belleza. Cada nação e mesmo cada individuo tem a este respeito noções diversas, o que não deixa de ser uma fortuna, pois que se sôbre este ponto se estabelecessem regras fixas e por todos aceitas, não sei qual seria a mulher que de si mesma pudesse estar satisfeita, ao passo que assim como as cousas são, bem poucas se contão as que por auctoridade propria se não passem patente de bellas, que sempre por um ou outro do outro sexo é reconhecida, e aquellas, se as-ha, que a este respeito accitão resignadas o desengano que a cada momento lhes repete o espelho, consolão-se com a observação de que se não são formosas são engraçadas, o que vale alguma cousa e vale mesmo muito. Mas sôbre que todos estão de

acôrdo é que a belleza é o objecto principal da existencia d'uma mulher e constitue a sua mais alta missão, o que seria facil de provar, e assás se revela na preferencia que os homens dão ás mais bellas, ou ás que cada qual reputa por taes, e em não saberem dar-nos epitheto mais lisongeiro no conceito d'elles e tambem no nosso.

Apezar d'isto, não se julgou minha tia dispensada de reproduzir sôbre o capitulo da belleza absoluta as idéas de Felibiano, que ella declara ter pelas mais racionaes, mas que eu não quiz trasladar para aqui com receio de que nenhuma das minhas leitoras se reconheça inteira n'esta pintura d'uma bella perfeita, como eu me não reconheci, o que não deixou de me indispor contra o tal Felibiano, quem quer que elle seja. Com tudo, se sôbre as minudencias não ha nem póde haver unanimidade de sentir, tendo de ficar eternamente por decidir a questão de preferencia entre os olhos negros e os olhos azues, entre o nariz grego e o nariz romano, ha certas idéas geraes em que todos, mais ou menos, estão conforme, e serão essas unicamente que fazem objecto do nosso estudo.

Ha uma cousa a que se chama bellas formas e a que se soccorrem muitas vezes aquellas que se não atrevem a sustentar á face do mundo os seus direitos de que aliás estão bem certas em segredo, a proclamar-se-lhe bello o rosto. Ora, como é na infancia que se assenta a base d'esta belleza, quando ainda ninguem póde com segurança predizer a outra, e mesmo por que esta não prejudica, antes realça aquella, bom é que as mães todas sejam attentas n'este ponto. Os conselhos de minha tia sôbre tal capitulo são simples e excellentes, e reduzem-se a deixar as meninas, livres dos obstaculos da arte, crescer harmoniosamente seguindo a fôrma da natureza. O fundamento das fôrmas bellas é a saude, e para isso não ha como o movimento e o exercicio ao ar livre, alimentação substancial e regularidade nos habitos da vida, levantar cedo e não se deitar tarde.

Desçâmos agora a algumas particularidades, mas sómente ás que por todos são admittidas.

Que uma pelle macia e brilhante seja um predicado da belleza, ninguem o contestará por certo, trata-se, porém, de saber como se conserva e mesmo como se obtem este dote.

Para conserval-o.bástão tres cousas : temperança, exercicio e acéio. Relativamente á primeira, observa minha tia, que não é tanto á quantidade como á qualidade dos pratos que se deve olhar :

« Alimentae-vos, por vezes, de café forte, pão quente e manteiga, e nenhum regimen poderá ser mais prejudicial á belleza. O habito continuado de gorduras quentes acaba por estragar o estomago, e creando ou augmentando as

desordens biliarias, derrama insensivelmente pela pelle uma côr amarellada e baça. Á refeição da manhã succede longo jejum de muitas horas até que a bella esfaimada se assenta á mesa do jantar para saciar o appetite com sopas carregadas de especiaria, carnes e peixes assados, cosidos, ensopados, fritos, empadas, doces, gelados, fructas, etc., etc., e todo o organismo se vê em ancias mortaes para digerir esta mistura. Basta que uma senhora elegante prolongue por algum tempo este habito funesto, ajuntando-lhe frequentes noites perdidas em bailes, por que o espelho não tarde a dizer-lhe que todas nós nos fanâmos como as folhas. »

Quanto ao aceio é cousa absolutamente indispensavel, nem ha para a belleza da pelle melhor cosmetico do que banhos mornos, que removem as impurezas corporaes accidentaes e fazem desapparecer as obstrucções cutaneas, tornando n'uma casa a banheira objecto tão imprescindivel como o espelho.

São estes os meios naturaes para conservar a belleza da pelle, mas tambem os ha artificiaes para adquiril-a. Tem sido mui apregoados os banhos de leite, minha tia, porém, prefere os de água morna com farelo como menos dispendiosos e mais scientificos, e aconselha a seguinte receita que diz ser a favorita das formosuras da côrte de Hespanha.

Ponha-se farelo de trigo bem joeirado de infusão por quatro horas em vinagre de vinho branco; ajuntem-se cinco gemas de ovo e dous grãos de ambar gris, e distille-se o todo. Deixem esta composição hermeticamente tapada durante uns doze ou quinze dias e sirvão-se d'ella.

Faça uma senhora uso d'isto todas as manhãs ao lavar-se e verá que lustro magnifico lhe não adquire a pelle.

Eis aqui ainda outro banho que tem produzido sempre os mais felizes resultados e que demais a mais refresca admiravelmente sôbre ser um delicioso perfume.

Distillem-se dous punhados de jasmims n'um quartilho d'água rosada e outro d'água de flôr de lorangeira. Coe-se isto por um papel poroso e ajuntem-se-lhe um escropulo de almiscar e outro de ambar gris.

A par d'isto não esqueção as fricções, que é com que Gregas e Romanas polião maravilhosamente a pelle e a-tornavão brilhante e transparente, servindo-se d'uma esponja embebida em água fria ao que se seguia uma fricção mais aspera com toalhas seccas.

Outro predicado da mulher, que aspira a passar por formosa e completa, é a elasticidade ou agilidade physica que é como a alma das fôrmas bellas. Isto adquire-se principalmente pelo exercicio, mas ha tambem meios artificiaes de dar grande actividade aos membros, e entre todas as receitas nenhuma excede a seguinte :

Gordura de veado.	8 onças.
Azeite doce	6 onças.
Cera virgem.	3 onças.
Almiscoar.	1 gr.
Aguardente.	1/2 quart.
Agua rosada.	4 onças.

Deitão-se a gordura, o azeite e a cera n'uma vasilha de barro bem vidrado, e poem-se a um fogo lento até que todas estas substancias se amalgamem. Ajuntão-se então os outros ingredientes, e depois de tudo esfriado, pôde-se fazer uso d'este unguento que dá aos musculos uma elasticidade extraordinaria. No dia seguinte é mister lavar-se com uma esponja embebida em água fria.

Sendo o rosto o espelho da alma requer-se, para que elle seja bello, primeiro que tudo que esta o-seja tambem. Essa casta e deliciosa actividade da alma, diz minha tia, essa energia de espirito, que dão animação, graça e luz viva á organização são as verdadeiras fontes da belleza feminina. É isso que imprime eloquencia na linguagem dos olhos, que lança sôbre as faces a mais suave mantilha rosea, que illumina toda a pessoa como se o corpo mesmo pensasse.

Assim é, mas sôbre isto nada pôde a arte. Alguma cousa pôde, porém, sôbre os accessorios, e é o que vamos vêr.

Ninguem desconhece a importancia do colorido. A fronte, o nariz, os labios podem ser irreprehensíveis pelas dimensões e pela fórma, e entretanto, mal passarão por bellos sem uma tez brilhante, e os mais esplendidos olhos perdem metade do seu poder n'um quadro sem expressão.

Ora, tudo o que fica dito a respeito da pelle pôde aqui repetir-se, acrescentando todavia alguns modos de conservar e abrilhantar a tez. Muitas snras. de Paris costumão n'este intuito pôr na cara ao deitarem-se fatias delgadas de carne crua, que preservão das rugas e dão á tez frescura juvenil e brilho. A celebre madame Vestris nunca se mettia na cama sem untar o rosto com o ingrediente de que eis aqui a receita e que effectivamente lhe conservou uma tez magnifica até mui avançada idade.

Tomem-se quatro claras de ovos cosidas em água rosada, meia onça de pedra hume e igual porção de oleo de amendoas doces, e bata-se tudo junto até tomar a consistencia de massa.

Estendida n'uma mascara de seda ou cassa esta composição não só impede as rugas da pelle, mas é tambem remedio efficaç quando esta principia a tornar-se molle e a adherir menos aos musculos.

Além d'esta massa, pôde-se com summa vantagem lavar o rosto com uma tiu-

tura de beijoim precipitado pela água, receita já conhecida das bellezas da côrte de Carlos II de Inglaterra. Nada mais facil do que preparar esta tintura, bastando tomar um pedacinho de gomma e de beijoim e cosel-o bem em água. Quinze gottas lançadas depois n'um copo de água dão uma mistura que se assemelha ao leite e exhala um perfume agradável.

Esta deliciosa ablução chama ás fibras exteriores do rosto a corrente purpurina do sangue, dando assim ás faces uma linda côr de rosa. Deixando-a seccar na cara torna ella clara e brilhante a pelle, sendo ainda remedio excellente contra as manchas, as sardas, as pustulas e as erupções que não forem de-mui antiga data.

Várias outras receitas encontro no livro de minha tia, mas prefiro não as multiplicar, para não tornar difficil a escolha. Fiz, pois, selecção das mais faceis de preparar e das já por mim experimentadas. Cumpre, porém, observar que não basta empregar estes meios, é tambem necessario evitar as cousas nocivas, e entre estas nenhuma talvez o-seja tanto como a rapida mudança de temperatura, do frio para o calor ou do calor para o frio, expor o rosto suado a uma corrente de ar, e difficultar ou impedir mesmo a transpiração da pelle com uma camada espessa de pós. Em geral, para estragar a pelle, não ha como a pintura, seja branca ou carmezim, sôbre tirar toda a expressão ao rosto, e dar-nos o aspecto de mumias coloridas.

Um pouco de vermelho vegetal, nas faces d'uma mulher bella, que por doença ou inquietação de espirito perdeu as rosas naturaes, ainda talvez seja desculpavel, e esta tinta (quando não adulterada pelo chumbo) é tão transparente, que o sangue se chega a subir ao rosto, ainda falla, apezar de ligeira camada, e realça o brilho de fanadas côres. Mas deve haver n'isto discrição e o mais apurado gôsto, e seja a tinta artificial sempre mais debil do que a que daría o pincel da natureza. O vermelho excessivo torna asperas e rudes as feições e dura a physiognomia.

Uma observação que minha tia faz, a meu vêr mui acertada, é que em caso nenhum devem servir-se do carmim senhoras que já transpozerão os marcos da vida dentro dos quaes florecem naturalmente as rosas das faces. Uma velha avermelhada é um espectaculo hediondo, uma nota falsa na harmonia da natureza.

Tambem não deixa de ser condemnavel o emprego excessivo dos pós, e sôbre tudo acautele-se toda a dama elegante de apparecer em publico com vestigios d'elles á volta do nariz ou na covinha da barba, se não quer ter ares de quem metten a cara n'um sacco de farinha.

« Bem sei que é esta uma questão que deve ser tratada com grande delicadeza, mas incompleto ficaria o meu livro se eu n'elle não fizesse menção do

que constitue o mais alto titulo d'uma mulher amavel. Demais, é fóra de dúvida que uma discussão decente sôbre este ponto só póde parecer singular aos espiritos mais acanhados de ambos os sexos. Se é verdade como cantou o poeta, que

Heaven rests on those two heaving hills of snow,

porque não aprenderá uma mulher a cultivar tão preciosos encantos? »

Eis o que diz minha tia para justificar-se quando falla dos seios, e como as suas razões me parecem procedentes, nenhum motivo vejo para negar ás minhas leitoras algumas indicações uteis sôbre tão importante topico em materia de formosura.

O primeiro cuidado deve consistir em não estragar o que a natureza formou, mas não para patentear a todos os olhos, como algumas entendem, usando tão decotados os vestidos que nada que adivinhar deixão á imaginação. Ora, para estragar não ha como os colletes rijos e arrochados, e se nem a mão deveria comprimir parte tão delicada, o que não farão corpos tão duros como a baleia e o aço?! Ás vezes não é só a belleza que se perde, não são a deslocação e a mudança de fórma os unicos males, são mesmo abcessos e caneros que punem tão desnatural violencia. Os mesmos chumaços não servem senão para acabar de destruir o que a natureza formou talvez com mão avara, e para remediar o que se devem trazer pelo contrário vestidos bem largos que permittão o natural desenvolvimento, mui provavel de dar-se quando nenhum constrangimento o-contraria. Se isto não bastar para fazer desaparecer a deficiencia, eis aqui uma preparação, que com grande proveito se emprega fazendo fricções brandas durante cinco ou dez minutos duas ou tres vezes por dia :

Tintura de murta.	1/2 onç.
Agua de pimpinella	5 onçs.
Agua de flôr de sabugueiro.	4 onçs.
Almiscar	1 gr.
Alcool rectificado.	6 onçs.

Contra a frouxidão e molleza applica-se de manhã e á noite, o mais ligeiramente possivel, esta ablução :

Agua de pedra lume	1/2 onç.
Agua forte de macella	1 onç.
Aguardente.	2 onçs.

Para remediar o defeito opposto, isto é, as demasias, serve esta applicação externa :

Essencia de hortelã	1 onç.
Iodureto de zinco.	2 grs.
Vinagre aromatico	2 grs.
Essencia de limão.	10 gotts.

Depois de nos ter dito que a maior belleza dos olhos consiste na sua expressão, sôbre que infelizmente ou talvez antes felizmente nada pôde a arte, e aconselhado que na pintura de pestanas e sobrancelhas, se se chegar a recorrer a este expediente, se guarde sempre a côr que mais diz com a tez, para que não vejamos uma morena com supercilios louros; conclue minha tia assim este capitulo :

« As Hespanholas costumão expremmer nos olhos sumo de laranja para tornal-os brilhantes. É um pouco dolorosa por um momento a operação, mas não se pôde duvidar que ella aclare os olhos dando-lhes temporariamente um brilho notavel. Entretanto, a melhor receita para tornar brilhantes os olhos, é não se deitar tarde. Um somno regular e natural é o melhor conservador dos « faxos encantadores da mulher. »

« Permittão-me, antes de acabar, prevenir as damas contra o uso de véos brancos. Canção e desvairão a vista quando não chegão a estragal-a completamente e sem remedio.

« Para ter pestanas compridas e densas não ha mais do que aparar-lhes as pontas todas as cinco ou seis semanas. »

A bocca nunca é tão bella como quando um gracioso sorriso lhe volteia em torno, nem tão feia como quando o desdem lhe contrahe asperamente os labios. Sôbre estes nada pôde a pintura, nem ha cousa mais repugnante. Só a saude lhes pôde dar o verdadeiro colorido, e na falta d'ella o mais a que podemos socorrer-nos é á tintura de beijoim, que não tem nenhuma das propriedades nocivas do carmin.

Superfluo é recordar que não ha bocca formosa sem dentes bem alvos e espelhados, e toda a senhora que se descuidar de passar-lhes a escova depois de cada refeição, expõe-se não só a vel-os perder a natural brancura, mas ainda a contrahir um halito impuro. O frequente uso da escova é demais a mais necessario para manter vermelhas e firmes as gengivas. Quanto a pós dentifricios não os-ha melhores do que uma simples mistura de carvão vegetal e cremor de tartaro.

A belleza da mão é uma das que mais carecem ser cuidadas. Além de ter até sua linguagem propria, é a mão inquestionavelmente um dos primeiros

ornatos do corpo. É por isso que tantos desvelos lhe dedicão as Francezas, dentre as quaes as que querem tirar todo o partido dos seus encantos não são capazes de dormir sem luvas untadas por dentro d'uma especie de pomada composta da fórma seguinte :

Tome-se meia onça de pó de sabonete, meia garrafa de azeite doce, e cosinhe-se tudo até ficar inteiramente misturado. Antes de esfriar-se junta-se-lhe meio quartilho de espirito de vinho e um grão de almiscar.

Quem quizer fazer uso d'isto, compre um par de luvas folgadas, abra-as, derrame dentro uma ligeira camada d'esta massa, torne a cozel-as, durma com ellas nas mãos, e verá como estas ficão macias e de formosa tez. Em Pariz vendem-se luvas já preparadas assim, mas por ora, que eu saiba, ainda aqui nem mesmo na rua do Ouvidor se encontrão.

Quando as mãos são asperas e sujeitas a gretar póde-se empregar esta água :

Sumo de limão.	2 onças.
Vinagre de vinho branco.	5 onças.
Aguardente.	1 quart.

Tem o pé sua belleza propria que não é para desprezar, e não mais do que uma pontinha d'elle mostrada a proposito tem feito conquistas para toda a vida. Com tudo, a este respeito não sabe minha tia mais do que remetter-nos para algum sapateiro habilidoso, que os-ha entre elles que são capazes de fazer milagres. Mas se nem mesmo um sapateiro a tanto poder abalaçar-se, então o unico recurso é um vestido bem comprido.

Para dar á voz as devidas inflexões, doçura e suavidade, pois tambem a voz é parte constitutiva da belleza, tanto que nunca passará por completa a dama que não souber fallar meliflua e melodiosamente, aconselha-nos minha tia a leitura assidua em voz alta e quando pouder ser na presença de pessoas que saibão e se prestem a advertir-nos, e quanto ao porte que deve ser gentil e garboso, mas sempre accomodado ás proporções geraes do corpo, e sòbre tudo modesto e recatado, tambem pouco mais se póde fazer do que indicar regras genericas que pouco ensinando a quem tiver bom gòsto, e o fino tacto das conveniencias, serão inteiramente perdidas para quem não possuir estes dotes. Pelo que toca ao trajar, deve ser gracioso e singelo, mais elegante do que sumptuoso, e mui particularmente accomodado á condição e posisão social de cada uma, sendo as custosas galas só permittidas ás matronas opulentas e em occasiões solemnes. Aqui pois ainda tudo é materia de gòsto.

Já não está no mesmo caso o cabello, belleza mui digna de cultivar-se e ornamento como não ha outro tão precioso. Tomae o mais formoso rosto, ponde-o n'uma cabeça rapada, e causará horror. N'este ponto, porém, muito

póde felizmente a arte em despeito da natureza, e quasi não ha ninguem que se não possa ornar de magnificos cabellos, prestando incessante attenção ás leis do seu crescimento e conservação.

Devem os cuidados principiar da infancia, idade em que se devem trazer curtos os cabellos, aparal-os a miudo, e não deixar passar um dia sem laval-os com água fria até á raiz, e escoval-os bem, evitando quanto ser possa o uso do pente fino, cujos dentes irritão e arranhão a epiderme, produzindo a caspa e não raro até alguma molestia da pelle. O emprego da escova, porém, nunca será por demais frequente, em qualquer época da vida, e com ella se triumphá d'uma cabeça de porco espinho. Sôbre tudo de manhã ninguem deixe de passar cuidadosamente a escova nos cabellos.

Duas escovas são indispensaveis n'um toucador, uma para limpar, outra para alisar os cabellos, devendo aquella ser preta e branca a segunda. Laval-as é arruinal-as em pouco tempo, mas esfregão-se com farelo para tirar-lhes a gordura, e quando principião a ficar molles demais, mettem-se em partes iguaes de espirito de ammoniaco e água.

Manifestando-se alguma enfermidade no couro cabelludo, póde-se recorrer, como a remedio seguro, á seguinte ablução :

Sal de tartaro	5 drs.
Tintura de cantharidas.	15 gotts.
Espirito de camphora.	15 gotts.
Sumo de limão.	1 quart.

Para evitar que os cabellos branqueiem antes do tempo, o melhor remedio é a temperança, a moderação em todas as cousas, e frequentes lavagens com água pura e fria. O emprego mui frequente de ferros de frisar póde apressar as cãs por que em geral todo o calor não natural destroe o fluido colorante dos cabellos.

Entretanto, quando, apezar de todos estes cuidados, principiar a cabeça a tornar-se grisalha póde-se empregar com proveito, pelo menos ainda durante alguns annos, esta receita :

Oxydo de bismutho.	4 drs.
Espermacete.	4 drs.
Banha de porco.	4 onças.

Derretem-se juntos a banha e o espermacete, e quando principião a esfriar batem-se com o bismutho, podendo-se deitar o perfume que se quizer.

É erro grosseiro, mas mui espalhado, pensar, que o uso abundante de gorduras adoça e amacia os cabellos, quando ellas pelo contrário obstruem os poros,

cuja livre accção é necessaria á saude. Uma belleza de Munich célebre pelos seus soberbos cabellos, batia todas as manhãs quatro claras de ovos até se tornarem bem espumosas e esfregava com ellas os cabellos perto da raiz. Deixava-os seccar e depois lavava-os com uma mistura de rhum e água rosada em partes iguaes.

A chamada *água de mel* é empregada por todas as snras. elegantes, e compõe-se d'esta fórma :

Essencia de ambar gris.	1 dr.
Essencia de almiscar.	1 dr.
Essencia de bergamota.	2 drs.
Azeite doce.	15 gotts.
Agua de flôr de lorangeira.	4 onçs.
Espirito de vinho.	5 onçs.
Agua distillada.	4 onçs.

Juntão-se todos estes ingredientes e deixão-se repousar quinze dias, depois filtrando tudo por um papel poroso, guarda-se a composição n'uma garrafa para d'ella fazer uso. É uma bella água e um perfume excellente.

Por mais que se faça, sempre chega um tempo em que já nada ha que impeça o cabello de obedecer á lei cruel da natureza fazendo-se branco. Então o unico remedio será tingil-o, se restar ainda no rosto algum resquicio de belleza que valha a pena fazer valer. Mas as preparações que n'este intento se empregão o menor mal que fazem é acabar de estragar o cabello, havendo-as até que levão drogas taes que respiradas puras suffocarião immediatamente. A unica, que minha tia se atreve a recommendar é a seguinte, receitada por um velho medico e chimico de Lisboa :

Acido gallico.. . . .	10 grs.
Acido acetico.	1 onç.
Tintura de sesqui-chlorureto de ferro.	1 onç.

Dissolve-se o acido gallico na tintura de ferro, e ajunta-se-lhe depois o acido acetico.

Antes de fazer uso d'esta composição, é mister lavar bem o cabello com água e sabão, e uma preciosa particularidade d'ella é tingir para preto ou para castanhó conforme se applica ao cabello ainda humido ou já perfectamente secco. Embebe-se n'ella um pente fino, e passa-se pelos cabellos a principiar da raiz, até tomarem a còr desejada. Depois emprega-se oleo e escova da maneira usual.

As vezes não é reforçar os cabellos que se quer mas fazel-os desaparecer quando invadem lugares que lhes não competem, como, por exemplo, o labio superior das snras. Arrancal-os com uma pinça é operação sòbre dolorosissima o mais das vezes inefficaz, por que a maior parte dos cabellos quebrão e a raiz fica. O meio mais suave de extirpar estes parasitas é extender n'um pedacinho de couro galbano e pèz em partes iguaes, applical-o com geito sòbre os criminosos cabellos, e passados tres minutos arrancal-o de supetão, na certeza de que trará consigo todos os pellos com suas raizes. A dôr não é grande, e passa depressa.

Não podia minha tia encerrar melhor o seu livro do que com algumas excellentes receitas para escoimar a belleza de varios senões que a deturpão. Assim nos diz ella que para nos livrarmos das borbulhas, quando ellas não são de character maligno que requer tratamento medico, não ha mais de que applicar duas vezes ao dia a preparação abaixo indicada :

Agua sulfurea.	1 onç.
Acetato de ammoniaco.	1/2 onç.
Solução de potassa.	1 gr.
Vinagre de vinho branco.	2 onçs.
Agua distillada.	2 onçs.

Sendo estas borbulhas produzidas pela obstrucção da pelle e imperfeição da circulação, muitas vezes se curão simplesmente com laval-as a miudo com água morna, seguindo-se prolongadas fricções com uma toalha aspera.

As verrugas são occasionadas por uma coagulação da lymphá que obstrue os poros da pelle, e podem-se fazer desaparecer por meio de abluções de água quente, seguidas de asperas fricções de toalha e applicação d'uma ligeira dôse d'esta composição :

Solução de potassa.	1 onç.
Agua de Colonia.	2 onçs.
Aguardente.	4 onçs.

A mais célebre mesinha jámais empregada parã desvanecer as sardas chamou-se *unguento de Maintenon*, e compõe-se d'esta fórmula :

Sabão de Veneza.	1 onç.
Sumo de limão.	1/2 onç.
Oleo de amendoas amargas.	2 oits.
Oleo de tartaro liquefacto.	2 oits.
Oleo de rhodio.	5 gotts.

Dissolve-se o sabão no sumo de limão, ajuntão-se-lhe os dous primeiros oleos e expõe-se tudo ao sol até adquirir a consistencia de unguento, acrescentando então o oleo de rhodio. Untão-se as sardas ao deitar e lavão-se de manhã com água fria.

Os pannos curão-se fervendo um quartilho de leite, meia onça de sumo de limão e meia onça de aguardente branca. Para apagar os effeitos do sol e tornar brilhante a tez basta bater em partes iguaes claras de ovos e sumo de limão, e cozinhar esta mistura a fogo lento, mexendo sempre, até adquirir a consistencia de pomada branda. Antes da applicação lava-se bem o rosto com água de arroz.

As vezes manifestão-se manchas amarellas no rosto e pescoço, e quando não cedem a simples fricções de flôr de enxofre, pôde-se recorrer com segurança á seguinte ablução tres ou quatro vezes por dia :

Agua bem enxofrada.	1 onç.
Sumo de limão.	1/2 onç.
Agua de cinamomo.	1 dr.

As fendas dos labios curão-se facilmente com este balsamo :

Oleo de rosas.	4 onçs.
Cera branca.	1 onç.
Espermacete.	1/2 onç.

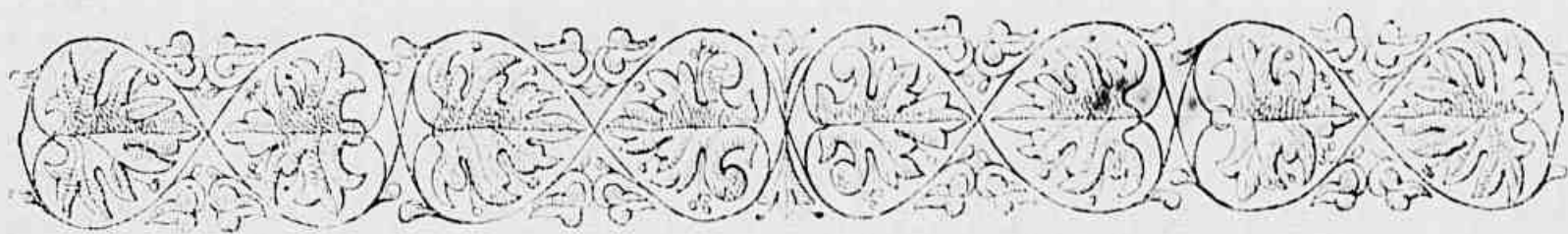
Derrete-se tudo n'uma vasilha de vidro mexendo com uma colher de páo até que seja perfeita a mistura e guarda-se n'um vidro ou chicara de porcelana para servir opportunamente.

Preoccupada com as rugas da velhice, dá-nos minha tia ainda uma receita grega para afugental-as. Deita-se pó da melhor myrrha n'uma chapa de ferro quente bastante para derreter lentamente a gomma e depois d'ella liquefacta cobre-se a cabeça com uma toalha e inclina-se a cabeça por cima para receber os vapores.

Se todos estes apontamentos, que offereço aqui ás minhas leitoras, poderem conserval-as toda a vida frescas, rosadas e bellas como outras tantas auroras austraes, por mui paga me darei do meu trabalho, embora entre ellas tenha de passar pela mais feia

PAUCHITA MONTEZ.





CARTAS

DE HELENA A EULALIA

II

Paris, janeiro 1865.

Minha formosa e querida prima.



Não sei como começar esta... mas também não ha de ser assim?... por um frio d'estes, até parece que as idéas se encapótão e lá vão tiritando de *cachenez* e luyas de lan esconder-se no mais fundo e quente canto do cranêo... Ellas não me apparecem, desde que o inverno nos honrou com a sua costumada visita. Olhe, prima, da minha parte, eu passava muito bem sem a honra d'este snr. É honrasinha que me obriga a não fazer outra cousa senão avivar o fogo da minha chaminé. Entretanto, a prima não pôde avaliar como é doce ao coração esse embalar de scismas ao monotono crepitar da lenha? Não sabe, prima, que de suaves pensamentos encântão a vida n'essas horas em que a gente, como meia adormecida em uma poltrona, *preguiçosamente* contempla as caprichosas ondulações da chamma de uma chaminé! Não é o pensar ardente de um desespero immenso; nem é o succeder de idéas rapidas e vertiginosas de uma alma que doe e se contorse: não. É um como despertar brando de idéas perfumadas como o fumo que se levanta d'aquellas odoríferas caçoulas do Oriente e que faz, a quem tiver lido, sem querer, murmurar saudoso versos como estes repassados de tristeza:

— Longe... por esse azul dos vastos mares,
 Na soidão melancolicas das águas
 Ouvi gemer a lamentosa alcyon,
 E com ella gemeu minha — saudade! —

E não chorei? Emquanto vossê lá, prima, talvez abanando o seu leque, tenha desdenhosamente recusado aquelle moço tão louro e que tão anhelantemente desejava walsar com vossê! Ou, talvez, maldiga o sol em pino, com ásperas palavras que, porém, passando por seus labios, por mais asperas que sejam, ficarão adocicadas e irão ter ao sol tão mansas... tão mansinhas que elle será o primeiro a afagal-as. Podéra não!

Mas, seja como fôr, antes o sol de lá do que o inverno d'aqui. Ardente como é,

Na minha terra o sol não cresta as flôres;
 Preside a primavera aos fertes prados:
 Para o chão produzir os lavradôres
 Não precisão lançar mãos dos arados:
 Deslisa-se o viver entre os verdôres
 Dos ares das montanhas perfumados:
 No regaço da paz reina a Opulencia
 Á sombra maternal da Providencia.

Desculpe, prima, porque a oitava é minha.

Mal ou bem, o que eu quero dizer é muito *bem* d'esse paiz.

Vossê quer vêr de longe a differença da fertilidade dos nossos terrenos ao pé dos terrenos mais fertes d'estes lados?

Veja; aqui esta uma gravurasinha



e que encontrei a proposito, representando uns lavradores dos arrabaldes de

Odessa (na Russia meridional), um dos lugares mais fertes da Europa, e que para conseguirem alguns grãos de trigo têm todo aquelle trabalho que se está vendo. Emquanto por ahi, até por cima dos telhados as plantas vão brotar!

Faça, prima, uma idéa da riqueza da nossa lavoura se os nossos lavradores, aproveitando a espontanea força da vegetação dos nossos terrenos, quizessem preferir ao emprego da força demorosa dos braços — a vigorosa applicação das machinas. Eu digo na estrophe — que não precisâmos lançar mãos dos arados para que os nossos terrenos produzão, mas o que não veríamos nós se, aproveitando essa espontaneidade, lhe juntassemos a perfeição que lhes pôde trazer o machinismo?!

A prima sabe, porque ha de ter ouvido muitas vezes meu tio dizel-o, e meu tio sabe o que diz — que a primeira fonte de toda a nossa futura riqueza — está na agricultura.

Mas, temos nós, prima, agricultura?

E quando a-teremos?

Quando a agricultura, deixando de ser rotineira, torne-se uma industria séria e como tal aproveite tudo o que a sciencia tem descoberto para o seu aperfeiçoamento.

Então sim — o Brasil será rico, — e o commercio levando as suas mercadorias á todas as partes do mundo, fará conhecido seu nome, sua historia, sua bella constituição, suas lettras, seus costumes, sua hospitalidade.

Então, um outro snr. *Ronna* — auctor de algum outro dictionario italiano-francez e *vice versa*, conhecendo a nossa organização politica — não dirá no seu dictionario que o Brasil — é uma republica!

Então, nenhum outro coronel do exercito francez e que tenha feito a sua ultima campanha na Hespanha — não me perguntará se o Brasil está nas Antilhas!

Então... então, prima, ninguem me perguntará mais se ahi as cobras andão pelas ruas, se nós tambem temos *dia de anno bom*, se ha *lua no céu do Brasil* e outras bernardices d'estas — que eu não crêra se me contassem.

Ui! fallei mais do que um deputado, que quer ser reeleito por um círculo de lavradores.

Jesus! e a minha chaminé não está a apagar-se?

Prima, tenha paciencia, fica o resto para outras vezes; vossê ahi tem o sol e para affrontal-o as auras das nossas palmeiras, e eu aqui só tenho o frio e para affrontal-o preciso ir atçar o fogo.

Bem quizera eu enviar-lhe alguns versos, visto que os-pede; porém, minha prima, os versos são as flôres de nossas almas, e

As flôres de minh'alma desmaiáão
Ao contacto das brizas estrangeiras ;
Pela ausencia das auras perfumadas
Que adormecem nas leques das palmeiras :

e flôres assim desmaiadas não vale a pena transportar para um paiz como esse onde as flôres não múrchão nem desmaião.

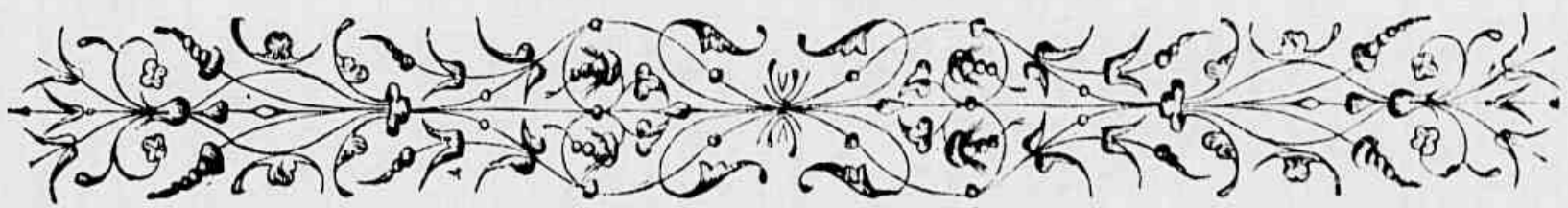
Pobres d'ellas ! que triste papel não ião fazer lá !!

Adeus, minha querida Eulalia; nas azas da saudade lhe envia o beijo mais fiel da mais pura amisade a sua prima

HELENA.

— *Continúa.* —

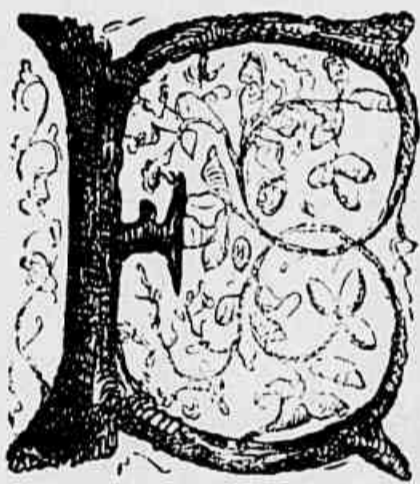




DUAS PALAVRAS

SOBRE

O ALGODÃO E SUA CULTURA



ste artigo é em grande parte extrahido de uma excellente memoria de M. Pelouze pae, cultivador na ilha de Santa Luzia, e inserido no *Recueil industriel* de M. de Moléon. O objecto do auctor é mostrar a utilidade d'esta cultura no littoral de Argel, e tudo o que diz a este respeito se applica igualmente ao Algarve e littoral do Alemtejo. Os Brasileiros puderão aproveitar muitas das observações do auctor para melhorar a producção d'essa planta.

O algodoeiro é originario da Africa e da Asia, e parece ter sido introduzido, na America.

A principal condição para que a planta medre e produza boa e abundante quantidade de algodão é a proximidade do mar, cujos effluvios salinos são levados pelos ventos a 5, 6 e até 10 leguas distantes da costa. Se o algodoeiro não goza d'esta aspensão imperceptivel e salutifera, não produz senão fructos chôchos, que cáem antes que as cabacinhas estejam sufficientemente tumidas para que o algodão se possa destacar. Não são os terrenos os mais ferteis que convem á planta, a qual prospera melhor nos terrenos aridos, e até entre rochedos, dando algodão mais bello, limpo e, em todo o sentido, de melhor qualidade. O auctor dá a preferencia ao algodoeiro de Surinam, variedade caracterisada pela grandeza do fructo, densidade do algodão, longura das suas fibras, e mui pouca quantidade de sementes, as quaes se separão com facili-

dade, vingando quasi todas. Por isso é este algodão mui limpo, porquanto são as sementes abortadas que sújão o algodão e excitão mesmo muitas vezes a fermentação e a podridão nas sacas de algodão. Um auctor inglez, que escreveu uma obra *ex professo* sôbre o algodão, diz que o algodoeiro de Surinam é originario da Persia. Em quanto á denominação de algodão herbaceo, M. Pelouze concorda com muitos outros sabios, que não admittem este caracter como constante, sendo indubitavel que a planta herbacea se torna arborescente e vivaz debaixo dos tropicos onde não ha inverno. Em Hespanha o algodão que actualmente se cultiva em Motril é vivaz, porque lá os invernos são pouco rigorosos.

« Afouto-me a affirmar, diz M. Pelouze, que a distincção que se tem querido estabelecer entre o algodão arborescente e o herbaceo é chimerica. Muitas vezes vi eu em Santa Luzia pés de algodoeiro commummente reputado herbaceo, os quaes, abandonados em um vallado, sem serem decotados, crescerão até á altura de 60 e de 80 pés e tornarão-se verdadeiras e grandes arvores, cuja flôr, depois de ter sido amarella na planta nova, se foi escurecendo até que por fim se fez roxa. » O auctor prosegue, e cita de um auctor inglez estimado as passagens seguintes :

« O algodoeiro e todas as variedades d'esta planta requerem e medrão em terras seccas e arenosas, como todos os viajantes e naturalistas o-attestão. O algodoeiro prospéra nos montes pedregosos do Indostão e da Africa, e nas encostas seccas das Antilhas. Do solo nimiamente fraco para dar uma novidade qualquer, se poderá colhêr algodão em abundancia. Um terreno humido e pantanoso é absolutamente contrario ao algodoeiro, ao qual é tão nociva a humidade que, ainda em terra a mais propria para esta cultura, um anno excessivamente chuvoso destroe inteiramente a colheita. De todas as enfermidades d'esta planta, a que lhe é a mais fatal, particularmente aproximando-se o tempo da colheita, procede da humidade que ataca as raizes, definha a flôr ou faz cair as cabacinhas.

« É nas bordas do mar, até uma certa distancia no interior, que a cultura do algodão é verdadeiramente productiva. Já no duodecimo seculo escrevia o auctor arabe Abu Zacaria, que o littoral da Hespanha é o terreno de predilecção para a cultura do algodoeiro. M. H. Bolingbroke diz (V. a sua *Viagem a Demerary*) que nas bordas do mar começárão os plantadores inglezes a introduzir a cultura do algodoeiro, e que têm já podido convencer-se que esta situação lhe convinha incomparavelmente melhor que os terrenos do interior situados nas margens dos rios. A principal razão allegada pelo dito viajante para explicar este facto, é que, contrariamente ao que exige o café, e a canna de asucar, o algodoeiro precisa, para fructificar bem, um solo impregnado de exha-

lações salinas. No terceiro relatório dos directores da Instituição americana, assevera-se igualmente que o ar das praias do mar, funesto ao cafezeiro, é verdadeiro elemento do algodoeiro. Estes mesmos factos são igualmente bem conhecidos dos cultores de algodão na India, na China, em Demerary e em toda a costa da Africa occidental. Fica, portanto, superabundantemente provado que a proximidade do mar é indispensavel á prosperidade de uma plantação de algodão: Bem o-sabem os cultivadores da Carolina meridional e da Georgia, que possuem a mais bella qualidade de algodão, o chamado algodão das ilhas do mar (*sea island cotton*), que se colhe nas praias siliciosas e no littoral das terras baixas das numerosas ilhetas disseminadas por toda esta porção da costa dos Estados Unidos. Esta preciosa qualidade de algodão degenera, se é cultivada no interior longe do mar; a fibra perde em longura e em elasticidade.

« M. Whitemarsh B. Seabrook, secretario da Sociedade de Agricultura de Saint-John's Colleton (Carolina meridional), se exprime nos seguintes termos, em um relatório publicado em 1827 :

« As plantações dos lavradores, cujas cartas e testemunho produzimos, estão todas situadas da mesma maneira. Quatro d'estas plantações são cortadas por calhetas, e correm-lhe ao longo rios consideraveis; todas gozão de uma exposição permanente aos effluvios do Oceano.

« A medida que as plantações se afastão d'esta condição eminentemente favoravel, e perdem no interior das terras o beneficio da livre viração do mar, e das brizas que soprão do sul, a escala graduada do comprimento, da elasticidade e do macio do algodão, é percorrida em sentido inverso d'estas qualidades. Chega-se, finalmente, a uma situação na qual a cultura do algodoeiro de fio longo cessa de offerecer a menor vantagem. Parece pois constante que as bellas qualidades d'esta sorte de algodão devem ser attribuidas á benefica influencia dos effluvios salinos.

« Partindo d'estes dados, tem-se tentado, e com pleno successo, empregar o lodo salgado das bordas do mar como estrume nas plantações de algodão. A efficacia d'este methodo é hoje reconhecida nos Estados Unidos.

« O algodão obtido por M. Burdet (ajunta M. Seabrook) a seus afortunados socios, deve toda a celebridade de que justamente goza, pela combinação das qualidades de finura, rijeza, igualdade de fibra, á presença d'este sal. Estes lavradores empregão, não só grande quantidade d'este lodo salgado, mas fazem d'elle uso exclusivo para estrumar os campos de algodão. Este estrume dá vigor á planta, faz amadurecer os fructos, e dá ao fio maior longura junta com maior tenacidade, e o lustroso da seda. M. Seabrook senior, por uma pratica constante d'este methodo, converteu litteralmente uma charneca esteril em um terreno o mais pingue.

« Por experiencias feitas por um membro da nossa Sociedade (prosegue o auctor americano), o capitão Benj. Bayley provou claramente que a mistura de 1 alqueire de sal para 60 alqueires de outras materias vegetaes, produz vantagens apenas criveis no producto das plantações de algodão. Em todos os terrenos em que predomina a silicia, elle afiança que se obterá dobrada colheita de algodão de qualidade mui melhorada, fazendo uso d'este estrume salgado. O effeito d'elle não é de augmentar muito a força vegetativa; tem antes o effeito contrário; mas possui incontestavelmente a propriedade de endurecer a planta, de consolidar e segurar o fructo tão disposto a cair quando está proximo a amadurecer, de o-fazer tomar todo o seu desenvolvimento, e de dilatar a cabacinha ou capsula. Usa-se com especialidade d'este estrume em annos chuvosos e frios.

« Para obter o mais bello algodão, requer-se, além do uso do estrume salino, tomar algumas precauções, ainda sendo o terreno o mais conveniente, e a posição vizinha da costa do mar. Em primeiro, lugar é preciso grande cuidado na escolha da semente, a qual deverá ser san, pesada, bem cheia, e livre de todo o bolor ou avaria. Haverá cuidado em sachar e desbastar, etc. É sempre conveniente escolher sementes de fructos da primeira colheita, collidos de plantas sans e vigorosas, em uma plantação favorecida pelas circumstancias as mais propicias. Será prudente, antes de plantar, verificar o peso das sementes lançando-as em um vaso com água, engeitando todas as que não cairem logo no fundo.

« O célebre algodão *sea island* é, entre todas as variedades conhecidas, a quelle cujas fibras são mais longas e rijas; é lizo, macio e lustroso como seda, e um pouco amarellado. A semente é preta, sendo a de quasi todas as outras sortes cultivadas na America de cor esverdinhada. Nos Estados Unidos, onde os invernos são de ordinario rigorosos, este algodoeiro é herbaceo ou annual. Esta preciosa planta foi trazida, no verão de 1786, das ilhas Bahamá, onde tinha sido propagada de sementes vindas da ilha de Anguilla nas Antilhas. Foram os *lealistas* americanos, que, de volta á sua patria, depois de uma emigração em Bahamá, a-dotarão d'esta preciosa planta.

« O solo e a situação das ilhas arenosas e baixas que orlão a costa desde Charleston até Savannah têm provado o mais proprio terreno para esta cultura, e d'aqui vem a denominação de *sea island* (ilha do mar), dada a esta sorte de algodão, que tambem no commercio se distingue por algodão *de fibra longa*. O grande consumo que d'elle fizerão logo os Inglezes, nas suas fabricas de fição, deu grande estímulo a producção; mas infelizmente o terreno proprio áquella cultura é mui limitado, e á producção annual tem-se por essa razão mantido estacionaria, e é insufficiente para a precisão que d'elle ha. No anno

de 1805 a exportação do algodão *sea island* montou a 8,787,650 libras, e no anno que terminou em 30 de setembro 1852, não excedeu 8,743,373 libras.

« Outra sorte de algodão, de fibra curta, e de qualidade e valor mui somenos, era já objecto de commercio consideravel nos Estados Unidos antes da guerra da Independencia. Foi principalmente na Georgia e na Carolina meridional que começou esta cultura, que depois se propagou no Alabama, em Mobile e no val do Mississipi. »

Relativamente á origem do algodão de fibra longa, M. Thomas Spalding, cujo pae foi um dos primeiros que o-cultivárão, inclina a crer que é originario da Persia. M. Pelouze é de parecer que é a mesma planta que o algodoeiro de Surinam, especie vivaz nas Antilhas, em razão do perpetuo estio que ali reina. Para mais segurança aconselha, para as projectadas plantações em Argel, tirar as primeiras sementes da Georgia ou da Carolina meridional.

A colheita do algodão requer certas attentões cujo descuido é nocivo á qualidade. Convem que mulheres e crianças entrem nos algodoaes várias vezes no dia para colhêr o algodão antes de elle se separar das capsulas, caindo no chão onde se suja, e o que é péor, onde se combina com substancias que o-fazem fermentar e apodrecer. Sendo possivel deve fazer-se a colheita por tempo secco, expondo o producto ao sol e ao ar sôbre grandes esteiras ou pannos grosseiros de lona ou brim antes de o-recolher no armazem, porque a natureza oleosa da semente a-dispõe a aquecer se ella se conservar humida. Tambem se deve evitar quanto seja possivel a vizinhança de ratos, ratazanas e outros animaes. As sementes que vão nas sacas deteriorão notavelmente a qualidade do algodão, a tal ponto que os fabricantes inglezes de fiação têm chegado a offerrecer quarenta por cento de premio *ad valorem*, por algodão limpo á mão; mas o tempo necessario para esta operação e o preço da mão d'obra, não permite empregar este methodo. M. Pelouze, attendendo á grande quantidade e excellente qualidade do azeite que com pouco custo se póde extrahir das sementes do algodão, aconselha ensacá-lo com as sementes, para depois ser limpo nas fabricas da Europa.

M. Pelouze diz que a semente do algodoeiro é a mais oleaginosa que existe; o azeite d'ella extrahido é suave e inteiramente semelhante ao oleo de amendoas doces. Combinado com a soda forma um sabão alvissimo e mui macio. É certo que este azeite é sujeito a criar ranço, em razão da muita mucilagem que vai misturada com elle pela extracção, mas purifica-se facilmente pelo acido sulphurico e pelo carvão, e até pelo simples sumo de limão. O seu bagaço é excellente sustento para o gado.

Quão facil seria a cultura do algodão de fibra longa em toda a costa do Brasil! Bastaria o producto em azeite para pagar grande parte dos gastos.



MOSAICO

DA CARIDADE



Quanto aos actos, em que a virtude se exercita, podem ser entre nós os seguintes :

Primeiro : soffrer as faltas e imperfeições uns dos outros, não nos escandalizando facilmente.

Segundo : dar correção com espirito de brandura, e reconhecimento interior de semelhantes, ou maiores misérias proprias; e com intenção recta do bem espiritual do meu proximo e segundo as regras da prudencia.

Terceiro : prestar aos proximos em tudo o que eu puder, e de mim necessitarem, sem me fazer arduo, e difficil n'este particular, antes prevenindo a sua necessidade com o meu soccorro, e anticipando os seus desejos com a minha condescendencia.

Quarto : não porfiar com alguém, nem contradizel-o directamente, ou com empenho; excepto os casos, em que assim importa em razão da mesma caridade.

Quinto : não lançar a alguém em rosto, nem ainda por via de gracejo, as suas imperfeições e defeitos, nem moraes, nem naturaes, e inculpaveis : nem sobre esta materia murmurar com outros.

Sexto : mostrar no gesto, modo grato, e affavel para com todos sem tristeza, porém, sem puerilidade, ou chocarrice.

Settimo : não lisongear a alguém, porque não é officio de verdadeira amizade; antes causa damno espiritual em mim, e costuma causal-o nos outros.

Oitavo : ceder sempre do commodo proprio pelo dar aos outros, ainda em cousas minimas; mas, se elles se molestão de que sempre n'esta materia os vença, darei lugar a ser tambem d'elles vencido, porque assim, ou assim, sempre a caridade, como oleo sobe acima.

Nono : se succeder molestar-me o proximo com alguma palavra, ou acção menos attenta, ou ainda grave, tornar bem por mal, como manda o Evangelho; e não conservar rancor no peito, nem ainda tristeza no rosto, ou desvio no trato.

Decimo : lançar sempre á boa parte as acções, e palavras alheias, quando puder ser; pois, ainda que erre, não faz mal a simplicidade, antes me grangêa grandes bens espirituaes.

Estes e outros semelhantes actos hei de ter como decorados, de sorte que da repetição dos desejos e propositos me nasça a memoria de aproveitar os lances que se offerecerem, e a affeição e brandura de coração para excital-os. E examinando o que em cada um d'estes artigos pecco, procurarei emendal-o, pedindo para isso especial graça, levando-o ao exame particular quotidiano, e começando por aquellas faltas de caridade que mais escandalizão.

PAD. M. BERNARDES.

O PALACIO ENCANTADO

Nos estados de Flandres, não longe da cidade de Bruxellas, havia um castello, onde ninguem podia habitar, por ser fama que n'elle andávão cousas más, e se ouvirem de noite grandes estrondos e gemidos. O fidalgo dono do castello, depois de fazer sem proveito, os remedios de exorcismos e benções, foi-se desconsolado para Bruxellas, e ali communicando sua pena com um religioso de virtude e valor, este se-lhe-offereceu para o remedio. Tomou companheiro, foi-se ao castello, e fechou-se em um aposento, que ficava junto de uma sala grande, onde os estrondos se ouvião. Accendêrão luzes, e puserão-se em oração. Quando lá, alta noite, ouvem um grande ruido, como de quem corria pela sala com cadeias, e viêrão a parar na porta do dito aposento, dando tres rijas pancadas : de dentro não responderão : e logo virão as portas dentro ; e appareceu um disforme vulto com os olhos chammejando,

e rosto denegrido e macilento; e assentou-se em uma cadeira, que ali estava. O religioso que estava armado de Deus, e por ventura era costumado a ter batalhas com os demonios, sem pavor algum lhe disse :

— Quem és, e que buscas aqui?

Respondeu elle :

— Logo virá quem te responda.

Não passou muito tempo, que se não ouvisse semelhante ruido ao primeiro, e entrou semelhante monstro; tomou a seguinte cadeira, e á pergunta do padre respondeu do mesmo modo :

— Logo virá quem te-responda.

Não tardou muito o terceiro com o mesmo estrondo, e aspecto horrendo : tomou a seguinte cadeira, e respondeu do mesmo modo. Entrou, enfim, o quarto, mas mui differente em tudo dos mais; porque o aspecto era alegre, as vestiduras alvas, o andar pausado, e as mãos juntas como quem orava. Este perguntado pelo religioso, respondeu :

— Sou a alma do pae d'aquelle fidalgo que possui este castello, e fallou contigo. Este que entrou em primeiro lugar é meu bisavô; o segundo meu avô; o terceiro meu pae. Em uma guerra civil, que houve n'esta terra, meu bisavô tomou injustamente este castello : morreu sem o-restituir, e condemnou-se. Meu avô, que ficou com elle, bem sabia que era alheio; não restituiu, e tambem se condemnou. Meu pae, por algumas noticias que teve, entrou em dúvida se possuia com direito : não quiz averiguar a verdade por se não arriscar a desapossar-se; morreu e condemnou-se.

Ao dizer isto aquella alma, as outras tres levantarão-se, e correndo furiosamente desaparecerão. E a alma foi continuando :

— Eu sempre estive em boa fé, que possuia o meu : por isso não me alcançou a mesma desgraça; mas peno no purgatorio! Agora te aviso que em serviço do meu filho, está um criado por nome João, o qual é nobre, e por pobreza se accomodou a servir; e a este pertence de direito o castello, componão-se as cousas, que será Deus n'isso bem servido. E dito isto desapareceu.

Na manhã seguinte soube o fidalgo do que passára : chamou logo o dito criado; fez com elle uma transacção honrosa com que ficou accomodado; e nunca mais n'aquelle lugar se ouvirão inquietações.

PAD. M. BERNARDES.

BEM CASADOS

Se não queres casar mal,
Casa com igual.

Não é necessario cavar muito, para achar a razão d'isto. A semelhança é causa d'amor, e os bons casados devem ser

A pesar del amor — dos ;
A pesar del numero — uno.

Todas as fórmulas se introduzem nos sujeitos tanto mais suavemente, quanto mais proximas são as disposições para ellas. Casem primeiro as idades, as condições, as saudes, e as qualidades; então casarão bem as pessoas : d'outro modo, já de antemão levão o divorcio meio feito.

★ ★

Muito tem que soffrer um consorte no outro, ainda quando a desigualdade não é muita; por isso se mandou abrir este epitafio na pedra sepulchral de dous casados.

Heus, viator, miraculum!
Hic vir et uxor non litigant.

« Olá caminhante, maravilha! marido e mulher aqui não brigão. » Que será se ella fôr uma Abigail liberal, e pendente, e elle um Nabal miseravel e nescio; ella uma Marianne virtuosa e leal, elle um Herodes impio e atraçoado; elle um Socrates reportado, e quieto, e ella uma Xantippe colerica e voluntaria? ou se houver outras notaveis differenças, de que costumão entre os casados proceder as differenças, como se esperará aqui a paz e concordia de espiritos? se até dentro da sepultura brigassem, não seria a primeira vez que brigarão os cadaveres e ossos de defuntos.

PAD. M. BERNARDES.





POESIAS

A * * *

Profunda, intensa dôr minh' alma dilacera!
É meu passado um sonho, o meu porvir chumera,
E o presente infeliz uma espinhosa cruz!
Se lucto, sou vencido — a porfiar descreio...
Caminho, as plantas rasgo; intento, mas receio,
E só trevas encontro, a procurar a luz!

* *

Que maldição fatal me verga a fronte oppressa?
Minha razão vacilla... o meu penar não cessa...
E, filho do infortunio, o mundo é meu algoz!
Tanta guerra me opprime e esmaga em seus furores
Que a natureza até assombra-me em terrores
O pensamento enfermo, e me escarnece apóz!..

* *

No vasto, immenso, negro e tetrico horisonte,
Onde parece eterna a noite envolve a fronte,
No véo calliginoso — um raio luz — fugaz
Da abençoada estrella! O céo sorri á terra!
Assim, anjo celeste, o meu soffrer desterra
E dize, emfim, aonde irei buscar a paz?

A. E. ZALUAR.

ALBERTINA NA COSTURA

Meu Papae não quer que eu ame
O primo Juca, essa é boa!
Como se acaso meu primo
Fosse alguma cousa a tóa!

* *

Não estuda, nem faz caso
Das lições que os mestres dão,
Que culpa tem primo Juca,
De não gostar da lição?

* *

Esses mestres! esses mestres!
Nos seus tempos de estudantes

Erão assim como o primo
E hoje? que petulantes!...

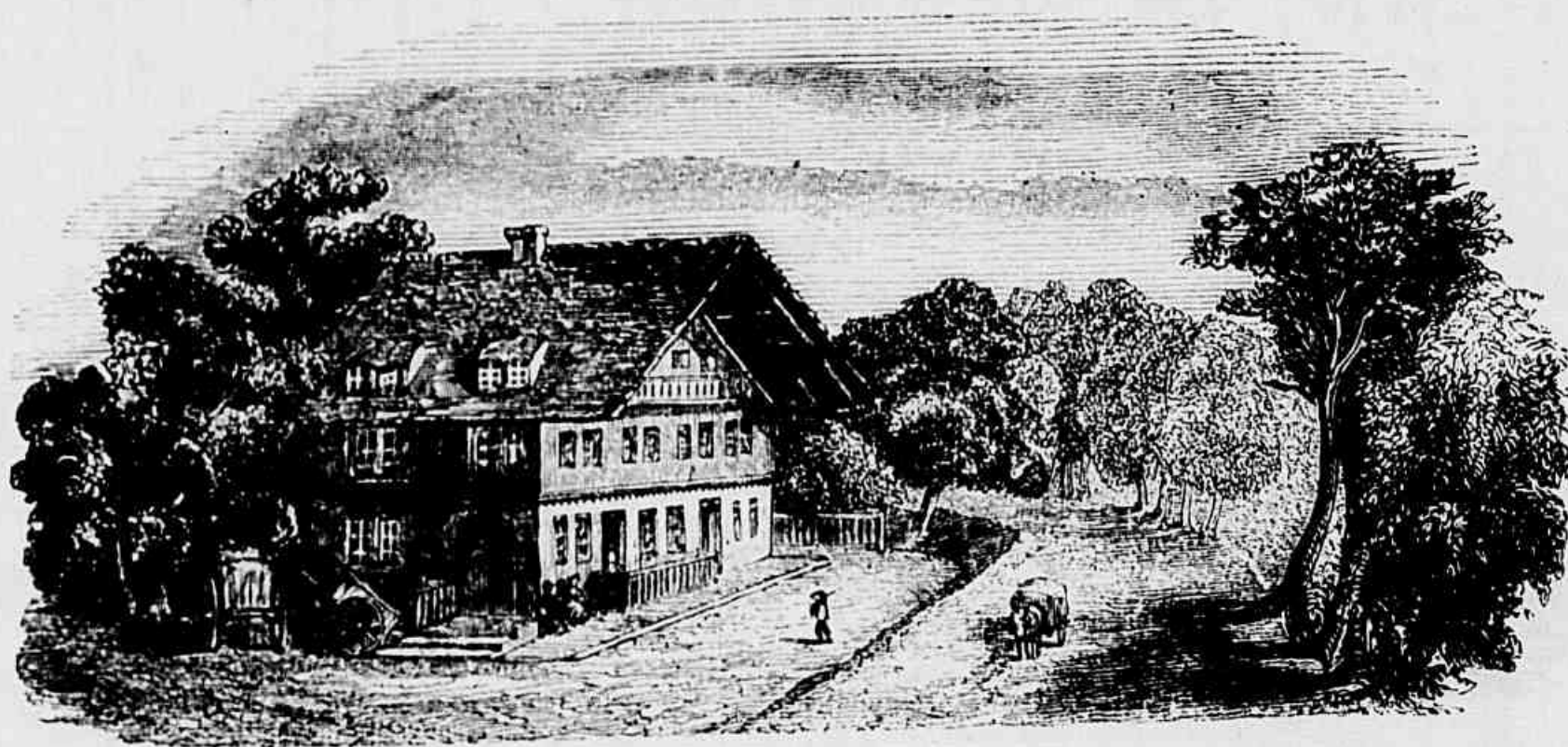
★ ★

Não estuda o primo Juca?
O que lhe falta saber?
As cartinhas que me escreve
Têm tanto! tanto que vêr!

★ ★

Ah mestres! mestres! vós todos
Não valeis uma lição
D'aquellas que o primo Juca
Tem dado ao meu coração!

SOPHIA...





MODAS

DESCRIÇÃO DOS FIGURINOS

À direita : vestido de filó branco, composto de duas saias, sendo a primeira guarnecida de renda de seda preta e fita de veludo carmesim; a segunda saia é em fôrma de tunica no mesmo gòsto, bem como o corpo.

A esquerda : vestido de filó verde, guarnecido de renda de seda branca.

O primeiro figurino à esquerda:—vestido de cambrinha, guarnecido de um folho da mesma fazenda, no meio da saia.

O verso do papel amarello consta do seguinte :

Nº 1. — *N. G.* Iniciaes gothicas.

Nº 2. — *S. R.* *Ditas* enlaçadas.

Nºs 3 e 4. — Bordado para góla (vulgo pescocinho) sòbre cambraia, escamilha, etc.

Nº 5. — Trabalho sòbre telagarça.

Nº 6. — *M. B.* Iniciaes enlaçadas.

Nº 7. — *E. R.* *Ditas*, com adorno, para centro de lenços.

- Nº 8. — *E. B. Ditas gothicas.*
- Nºs 9 e 10. — *G. N. e C. D. Letras pequenas.*
- Nº 11. — Clotilde, para canto de lenços.
- Nº 12. — Bordado para toalhas de altar.
- Nºs 13, 14 e 15. — Partes da touca (nº 26).
- Nº 16. — Hermano, como o nº 11.
- Nº 17. *A. J. Iniciaes gothicas.*
- Nº 18. *S. A. Ditas inglezas.*
- Nº 19. — Esquentador para os pés : dentro uma lata de folha de Flandres para conter água quente.
- Nºs 20 e 21. — Enfeites de trancelim (soutache) para gólas, etc.
- Nº 22. — Nana. Anagramma de Anna.
- Nº 23. — Trabalho de crochet.
- Nº 24. — Gabriella.
- Nº 25. — *L. R. Iniciaes.*
- Nº 26. — Touca para-meninas, trabalho de tricot.
- Nº 27. — Lucia.
- Nº 28. — *A. P. B. Iniciaes romanas.*
- Nº 29. — *A. C. Ditas gothicas.*
- Nº 30. — *C. R. Ditas, ditas*, sob uma corôa de barão.
- Nº 31. Trabalho sôbre telagarça.

O reverso consta do seguinte :

Nºs 1, 2, 3 e 4. — As differentes partes do jaleco e collete. As letras *A, B, C*, etc., indicão facilmente o córte. A fazenda para o jaleco e collete pôde ser cachemira ou veludo. No primeiro caso aquelle deve ser enfeitado de trancelim (soutache) de lan, e sendo de veludo de trancelim de seda. O collete é abotoado até em cima.

Nº 5. — *S. A. Iniciaes grandes.*

Nº 6. — *M. J. Ditas inglezas.*

Nºs 7, 8, 9 e 10. — *S. G.; E. P.; C. E.; D. C. Ditas, ditas.*

Nº 11. — *A. Enlaçada com dous S.*

Nº 12. — *C. V.* Iniciaes.

Nº 13. — *H. L.* Ditas enlaçadas.

Nºs 14, 15 e 16. — *J. P. H. M. C. R.; J. M.; H. N.* Outras iniciaes.

Nº 17. — *J. N.* Iniciaes romanas.

Nº 18. — *A. C. B. L. E.* Ditas inglezas.

Nº 19. — *G. B.* Ditas ornadas.

Nº 20. — *M. N.* Pequenas iniciaes.

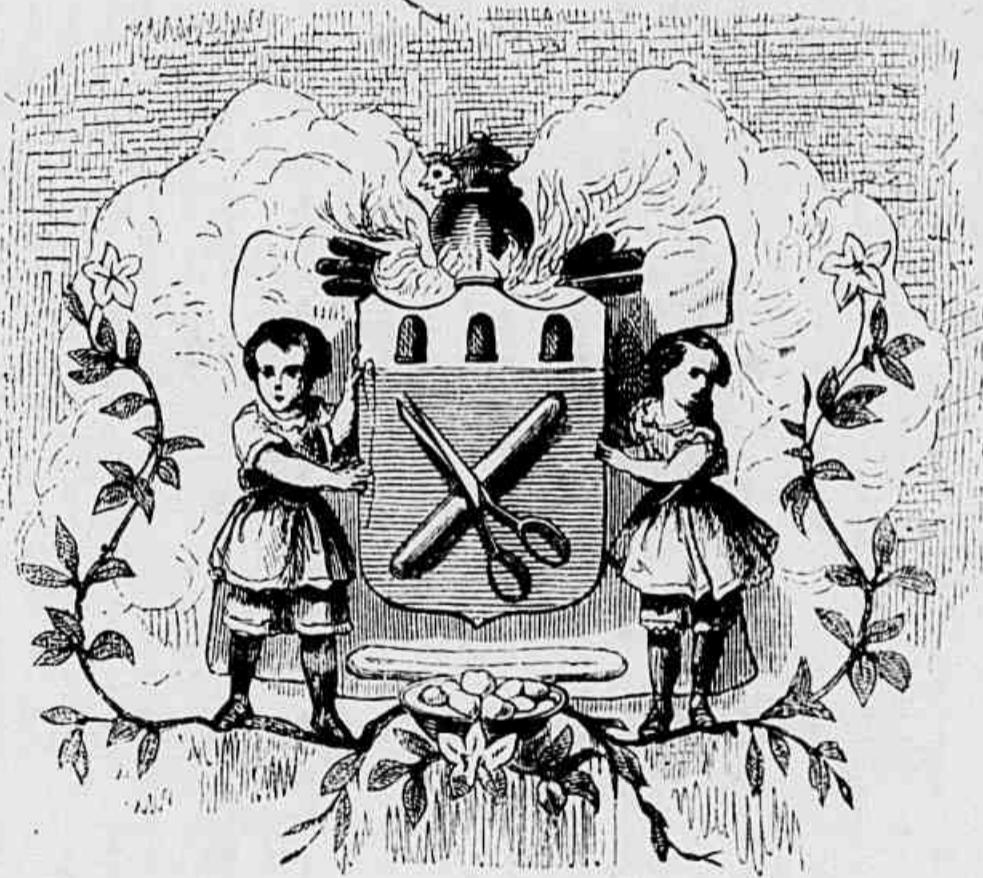
Nº 21. — *M. G.* Iniciaes enlaçadas.

Nº 22. — Albertina.

Nº 23. — Clara.

Nºs 24, 25 e 26. — José; Paulo; Henrique: para canto de lenços, etc.

Nº 27. — *F. T.* Iniciaes ornadas.





JORNAL DAS FAMILIAS

Março de 1863